



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MÁRIO FRANCISCO DE MELO JÚNIOR

**“EU SOU O ZÉ O ‘MESMO’ ZÉ”:
CANÇÕES QUE MARCARAM A FIGURA POLÍTICA DE JOSÉ AUGUSTO MAIA
SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE DE 1998 A 2004**

CAMPINA GRANDE-PB

2012

MÁRIO FRANCISCO DE MELO JÚNIOR

**“EU SOU O ZÉ O ‘MESMO’ ZÉ”:
CANÇÕES QUE MARCARAM A FIGURA POLÍTICA DE JOSÉ AUGUSTO MAIA
SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE DE 1998 A 2004**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Ms. **Maria José Silva Oliveira**

CAMPINA GRANDE-PB

2012

M528e

Melo Júnior, Mário Francisco de.

“Eu sou o Zé o ‘mesmo’ Zé” [manuscrito]: canções que marcaram a figura política de José Augusto Maia Santa Cruz do Capibaribe de 1998 a 2004./Mário Francisco de Melo Júnior. – 2012.

32f.: il.: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Me. Maria José Silva Oliveira, Departamento de História”.

1. Personagem Político 2 Figura Pública 3. Poder Local 4. Teatralização do Poder I. Título.

21. ed. CDD 346.012


MÁRIO FRANCISCO DE MELO JÚNIOR

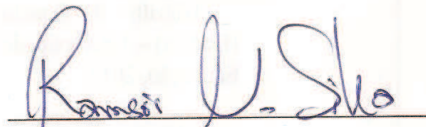
**“EU SOU O ZÉ O ‘MESMO’ ZÉ”:
CANÇÕES QUE MARCARAM A FIGURA POLÍTICA DE JOSÉ AUGUSTO MAIA
SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE DE 1998 A 2004**

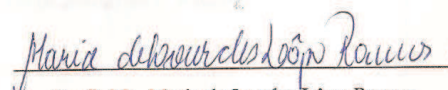
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a obtenção do grau
de Licenciado em História.

Aprovado em 20/06/2012

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms Maria José Silva Oliveira
Orientadora


Prof. Dr. Ramsés Nunes Silva
Examinador


Prof. Ms. Maria de Lourdes Lôpo Ramos
Examinador

**“EU SOU O ZÉ O ‘MESMO’ ZÉ”:
CANÇÕES QUE MARCARAM A FIGURA POLÍTICA DE JOSÉ AUGUSTO MAIA
SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE DE 1998 A 2004**

Mário Francisco de Melo Júnior

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo de estudo a figura de José Augusto Maia no município de Santa Cruz do Capibaribe PE, por meio do recorte temporal que compreende a sua primeira candidatura de destaque, em 1998, passando por todos os pleitos eleitorais até 2004, onde se encerra. O período supracitado é quando o candidato José Augusto Maia começa a compor e interpretar canções escritas em primeira pessoa na intenção de usá-las como propaganda eleitoral. Por se envolver numa trama relacionada à política, este trabalho será inserido no viés da Nova História Política. Tomamos como fonte os principais textos do Jornal Página Livre e da Revista Atual, canções de períodos eleitorais e áudios de programas radiofônicos. A escolha deste objeto partiu da necessidade de analisar como essa figura, a partir de sua vida política e das figuras que instituiu para si nas canções, criou uma forma de ver e de ser visto politicamente. Desse modo, nos apoiamos nos conceitos de Teatralização do Poder, a partir de Georges Balandier e Schwartzberg, bem como na idéia de representação de Chartier.

Palavras-chave: José Augusto Maia, Poder Local, Teatralização do Poder.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:.....	6
SURGE O “ZÉ”:.....	11
MUDANÇA DE TOM E O “MESMO ZÉ”:.....	21
EM 2004, NOVO PLEITO NOVA MÚSICA:.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	27
ABSTRACT:.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	30
DEPOIMENTOS:.....	32

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada tem origem no fato de que em Santa Cruz do Capibaribe, no agreste Pernambucano, a política tem nos chamado a atenção de forma inquietante. As particularidades das disputas eleitorais no município são marcas reconhecíveis de sua identidade.

Propomos neste trabalho uma discussão sobre a história política de Santa Cruz do Capibaribe, focando os desdobramentos e as possibilidades de análise a partir da figura de José Augusto Maia¹, um político bem sucedido eleitoralmente, analisando como este instituiu uma visão de si para as massas eleitorais através da composição e interpretações de canções em primeira pessoa feitas pelo mesmo nos períodos eleitorais, a fim de sensibilizar, atrair, fidelizar o eleitor através de apelos emocionados nas canções sempre recorrido a símbolos do imaginário.

No município, o poder político vem sendo exercido por grupos tradicionais que se alternam no poder em momentos distintos ao longo de seus 56 anos de emancipação política² e 54 anos de disputas eleitorais institucionalizadas. A institucionalização política exigida em lei, os partidos com estatuto, sigla e número, tem se tornado insignificantes diante da presença destes grupos políticos. Alguém que postule a um cargo eletivo tem que estar ligado a um destes grupos existentes, a exemplo dos “Bocas-Pretas³” e “Cabecinhas⁴” (que depois, a partir de 1998, viria a ser chamado de “Taboquinha⁵”). Sobre a origem das alcunhas aos grupos políticos o historiador Gilson Julião explica que ela remete ao primeiro prefeito da cidade, Raimundo Aragão, e as primeiras manifestações de oposição política:

¹ Chamado pela população como Zé, desta forma nas músicas é recorrente ele ser tratado desta maneira.

² Desde 1929 lutavam por essa emancipação, porém depois de sucessivos fracassos a lei nº 1818, de 29 de Dezembro de 1953, sancionada pelo então governador Etelvino Lins de Albuquerque, tornou Santa Cruz do Capibaribe emancipada político-administrativamente.

³ Segundo Julião (2010) “Boca-preta” é a denominação dada a um dos grupos políticos de Santa Cruz do Capibaribe. Surgiu aproximadamente na década de 1960.

⁴ Segundo Julião (2010) “Cabecinha” é a denominação dada a um determinado grupo político de Santa Cruz do Capibaribe – PE. Surgiu por volta de 1950.

⁵ Sobre o grupo “Taboquinha” falaremos mais a frente.

Raimundo Aragão, por ter uma cabeça considerada grande foi apelidado de cabeção. Logo seu grupo político ficou conhecido como “cabecinhas”, pois esta seria uma maneira mais amena e carinhosa de ser chamado por seus partidários. (...) O grupo de opositores recebia o nome de “boca-preta” pois na Rua Grande, hoje Avenida Padre Zuzinha, existia um cachorro que era agressivo e sempre avançava nas pessoas. Na época a oposição era aguerrida, lutava, debatia e tinha um tom agressivo em suas ações e falas, desta forma, em referência ao dito cachorro, ficaram conhecidos como o grupo dos “bocas-pretas”. (JULIÃO, 2010, p. 18)

A ligação com os grupos políticos citados se enraizou na população no que diz respeito às suas escolhas políticas. No decorrer de 54 anos de disputas eleitorais na cidade, esses grupos promoveram um grande embate no intuito de aproximar o eleitor a um determinado grupo, bem como alimentar rivalidades e criar uma visão de si e do adversário. Assim como destaca Chartier “(...) estratégias e símbolos que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade” (1991, p.12).

Partimos também da constatação de que essas expressões musicais foram de fundamental importância para o êxito eleitoral conseguido pelo mesmo, e por seu grupo político, em todas as eleições disputadas entre 1998 e 2004. Em suas músicas além de criar uma gama de representações⁶ positivas sobre si, são criadas representações negativas de seus adversários, além de se converter numa vantagem na disputa político-eleitoral por dominar uma arte que se mostrava eficiente instrumento de propaganda política.

Então, a partir da emoção presente em suas canções o político José Augusto Maia esquivou-se das críticas e acusações de seus adversários e os atingia de forma efetiva cravando-lhes estigmas que foram eficientes para que as disputas político-eleitorais se convertessem em seu favor. Nestas canções, José Augusto Maia se coloca na posição de vários personagens que o aproximariam das representações socialmente aceitas como positivas em Santa Cruz do Capibaribe, o que contribuiu para a figura heróica que se tornou para seus eleitores e para a efetividade de sufrágios que marca sua carreira política.

Schwartzberg já dizia em o “Estado Espetáculo” sobre como a política envolve uma encenação que busca ser eficiente na forma de arregimentar apoios das pessoas, deste modo, “A política, outrora, eram as idéias. Hoje, são as pessoas. Ou melhor, as personagens. Pois

⁶ Sobre Representação ver Chartier (1991).

cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel. Como num espetáculo” (1977, p. 9).

E acrescenta que:

Evidentemente, será melhor não dissociar demais o real e sua imagem. **Mas pouco importa a realidade em si mesma. O importante é que acreditem nela e a aceitem. Ainda que seja uma imagem inteiramente inventada.** Embelezada ou retocada. Como o pintor ‘retoca’ seu modelo de nobre estirpe (SCHWARTZENBERG, 1977 p.14, grifos nossos)

Notamos que a figura política de José Augusto Maia se forma de maneira decisiva e realmente visível a partir das eleições de 1998, onde ele causa uma divisão no grupo político “Cabecinha” e funda o grupo “Taboquinha” ao se lançar candidato a deputado estadual. Mesmo não se elegendo ao cargo José Augusto tem uma votação expressiva nas urnas, vencendo na contagem de votos na cidade os candidatos dos dois grupos políticos tradicionais. Nessa eleição José Augusto começa a criar, através de suas composições, a imagem de uma figura “moderna”, “popular” e “humilde” e que estaria em constante luta contra os “poderosos” que acham que o “dinheiro compra tudo” e que usariam o poder apenas para benefício próprio, conforme se pode observar na música “Levante a mão” - que será mais analisado no subtítulo seguinte.

A partir daí a figura de José Augusto Maia se tornou vitorioso a cada eleição, e as canções compostas e interpretadas por ele tornaram-se carro-chefe das campanhas eleitorais por produzirem os efeitos já citados anteriormente. Neste sentido a escolha do objeto de estudo nasceu da vontade de entender em que contextos e quais as tramas políticas envolvem o surgimento destas canções e da criação da figura heróica de José Augusto Maia perante seu eleitorado.

Percebemos que isso se encaixa naquilo que entendemos como Teatralização do Poder, tal como configurados nos escritos de Balandier (1982) e Schwartzberg (1977). É a partir desta constatação que pretendemos entender como esse jogo de representações deu emergência a uma Cultura Política⁷ que se mostrou eficiente.

Para isso usaremos como fontes: arquivos de áudio do Programa Memória Política da Rádio Vale do Capibaribe, do Jornal Página Livre, da Revista Atual e principalmente as canções de José Augusto Maia.

⁷ Sobre Cultura Política ver Motta (2009)

Após esta introdução, na segunda parte pretendemos mostrar a trajetória política de José Augusto Maia entre 1998 e 2004, sempre com o foco nos acontecimentos político-eleitorais do período, buscando entender em quais condições e necessidades as canções foram feitas.

Na terceira parte buscaremos investigar o conteúdo expresso nas canções compostas e interpretadas por José Augusto Maia para que possamos entender como ele e seu grupo político usaram estas canções como uma forma de mexer com o eleitorado ao fomentar uma imagem heróica onde o candidato encaixaria em variados personagens (SCHWARTZENBERG, 1977). Ao mesmo tempo em que crava estigmas negativos sobre seus adversários. Objetivamos também perceber os efeitos dessa atuação em termos político-eleitorais, bem como o surgimento de uma cultura política que se mostrou hegemônica no período.

Nossa inquietação se dá a partir da convicção de que a política precisa lidar com demandas diversas do imaginário social, num jogo onde a autorização de uma figura ou idéia perante as pessoas depende de uma espécie de “negociação” com símbolos do social. Essa negociação não envolveria necessariamente a racionalidade, a explicação através de fórmulas mensuráveis e claramente percebidas, pelo contrário, elas percorreriam o caminho em busca de legitimação através dos costumes, do carisma, da paixão e da adaptação da política a uma linguagem mais sensível às pessoas.

Este trabalho será construído a partir de uma abordagem da História Política em conexão com a História Cultural devido ao fato de ela nos possibilitar uma visão ampla e insinuante sobre o tema proposto. Segundo Pesavento (2008, p. 69), “a construção da história é como uma narrativa que constrói uma representação sobre o passado, e que se desdobra nos estudos da produção e recepção de textos”.

Para que possamos entender o que fundamenta esse trabalho, é preciso fazer uma contextualização dos caminhos percorridos e das possibilidades presentes na recente historiografia.

A Nova História Política é fruto de um processo de profunda renovação na pesquisa historiográfico, para que o estudo sobre política fosse ampliado e saísse do mero relato de fatos oficiais e da descrição da vida e dos feitos realizados por nomes proeminentes. Sobre isto destacamos que:

De fato, a renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas. [...] É impossível para a história política praticar o isolamento: ciência-encruzilhada, a pluridisciplinaridade é para ela como o ar que dela precisa para respirar (REMOND, 2003, p. 29).

Conceitos de Representação e Poder Simbólico, presentes na História Cultural, foram tornando-se presentes no estudo do universo do político. A certeza de que a política trazia uma gama de elementos amplos que poderiam ser estudados pelos historiadores a partir de um viés que contemplasse o novo direcionamento da historiografia foi ampliado pela História Cultural. A Nova História Política teve a virtude, assim como outros ramos da História Cultural, saber dialogar e fazer empréstimos da Sociologia e da Antropologia para identificar temas relativos ao Poder Político e sua Teatralização, seu apelo ao simbólico e à formação de uma Cultura Política.

Destacamos ainda que:

O estudo da política, a partir da incorporação da noção de cultura política, deixa de se restringir às questões políticas formais, às práticas institucionais, às discussões centradas no aparelho do Estado e suas leis, passando a levar em conta elementos conformadores da dinâmica interna das relações sócio políticas entre os diferentes atores sociais (individuais e coletivos) e entre estes e o Estado, a exemplo de suas percepções, visões de mundo, valores e sentimentos (CITTADINO, 2004, p. 57).

A partir dos pressupostos teóricos apresentados acima, apresentaremos na nossa pesquisa um envolvimento com a história política entendendo que ela ultrapassa as questões técnico-formais presentes na política institucionalizada e se dá no campo do carisma, da subjetividade e de um apelo a sentimentos que se mostram mais presentes no jogo político do que as regras institucionalizadas.

Entendemos que a figura política de José Augusto Maia utilizou-se do carisma, do apelo emocional, da utilização de símbolos do social, para criar para si uma imagem forte, acima das críticas e da exposição do jogo político tendo como carro-chefe na formação desta maneira de ser percebido através das músicas compostas e interpretadas por ele.

A importância desta pesquisa sobre as músicas compostas por José Augusto Maia nas eleições para a construção de uma imagem heróica e apaixonante de si próprio, citamos Balandier:

Melhores equipados para produzir imagens os governantes se encontram, entretanto, na situação paradoxal de ver essa capacidade enfraquecer-se pelo próprio uso. Eles tem que aprender a dominar uma nova tecnologia do simbólico e do imaginário, uma nova forma de dramaturgia política (BALANDIER, 1982, p. 63).

A questão do espetáculo e da construção de imagens sobre o poder ou o indivíduo que o ocupa, Balandier comenta a produção de Schwartzberg como uma das formas de entendermos como o teatro político dialoga com os símbolos sociais. Esta enunciação visa criar personagens que sejam eficientes no diálogo com a subjetividade presente no jogo político e que se coloca além da circunferência institucional do poder. Vejamos:

R. G. Schwartzberg propôs essa enunciação e dirige a denúncia do que ela designa. Segundo ele, as idéias foram substituídas por personagens que captam a atenção e sacodem a imaginação; eles têm empregos em um repertório em que representam o herói; o homem comum (identificado com o governado ‘médio’), o líder do ‘charme’, o pai, a mãe (chamada de ‘mulher política’). As circunstâncias fazem e desfazem esses personagens, provocam a sucessão de papéis, condicionam figuras diferentes de autoridade (BALANDIER, 1983, p. 63).

Trazemos esse trabalho para o campo da Nova História Política por percebermos que José Augusto Maia, no percalço das campanhas eleitorais das quais participou, soube utilizar cada um destes símbolos, reinventar-se em muitos destes personagens e ter se mostrado capaz de emocionar as massas de eleitores com suas músicas.

Para realizar essa pesquisa agrupamos uma série de cinco canções que foram interpretadas pelo político José Augusto Maia, e cujo a autoria também é creditada a ele, no período de 1998 até 2004, onde o mesmo esteve envolvido nas campanhas diretamente como candidato ou como figura mais importante de seu grupo político. Tomamos também como fonte textos e imagens presentes em edições de publicações locais, bem como usamos o áudio de programas radiofônicos e entrevistas cedidas para essa pesquisa.

SURGE O “ZÉ” (1998-2000)

A carreira política de José Augusto Maia começou em 1988 com sua candidatura a vereador no município de Santa cruz do Capibaribe tendo saído vitorioso, tornando-se o segundo vereador mais votado daquele ano. Quatro anos depois foi eleito vice-prefeito de

Aragãozinho⁸ a prefeitura municipal, rompendo um ciclo de 24 anos do grupo político “Boca-Preta” no comando da cidade. Após quatro anos, em 1996, José Augusto Maia voltou a disputar o mandato de vereador e conseguiu grande êxito eleitoral para a época. Com 2.941 votos, foi o candidato mais votado da cidade e proporcionalmente o vereador mais votado de Pernambuco concentrando quase 10% dos votos válidos em sua candidatura. No ano seguinte foi eleito presidente da câmara de vereadores do município mesmo com a bancada de oposição tendo menos vereadores que a bancada que apoiava o então prefeito Ernando Silvestre⁹.

Nas eleições de 1998 começa a emergir a figura do candidato-cantor de forma mais perceptível. José Augusto Maia usa de seu talento artístico para escrever canções que direcionam uma visão sobre ele próprio. A partir de uma escrita supostamente confessional, ele passaria a dar uma versão dos fatos de forma mais atraente para eleitor e a conduzir o surgimento de uma “determinada forma de ser visto” pela população.

Nesse ano o grupo denominado “Boca-Preta” lança o experiente político Augustinho Rufino¹⁰ em sua tentativa de voltar a Assembléia Legislativa de Pernambuco contando com a união de seu grupo político e o total apoio do então prefeito Ernando Silvestre. No grupo denominado “Cabecinha” o jovem Edson Vieira¹¹, então com 22 anos, é lançado candidato do grupo a pleitear uma vaga na Assembléia Legislativa de Pernambuco. Nesse contexto José Augusto Maia rompe com esse dualismo político para lançar uma terceira opção de candidatura a deputado estadual, originando o grupo denominado “Taboquinha”. Sobre a origem da alcunha, o historiador Gilson Julião explica que:

O termo “Taboquinha” surge a partir do sítio Tabocas da cidade de Brejo da Madre de Deus/PE, pois Santa Cruz do Capibaribe passava por escassez de água e o candidato José Augusto Maia por meio de seu mandato de vereador fez com que a água vinda da barragem do sítio Tabocas abastecesse a cidade de Santa Cruz do Capibaribe. (JULIÃO, 2011, p. 3).

Em 1998 José Augusto lança candidatura própria. Numa disputa marcada pelo maniqueísmo eleitoral desde sua institucionalização política, uma nova candidatura, que iria

⁸ Raimundo Francelino Aragão Filho foi prefeito entre 1993 a 1996.

⁹ Foi prefeito entre 1989 a 1992 e de 1997 a 2000.

¹⁰ Augustinho Rufino foi vereador no período de 1969 a 1972, vice-prefeito entre 1977 a 1982, prefeito entre 1983 a 1988 e deputado estadual dois mandatos (1991-1994 e 1999-2002).

¹¹ Foi vereador do período de 1993 a 1996.

romper com o grupo “Cabecinha”, tornado-se alvo de críticas, principalmente por possibilitar a maior vantagem do tradicional adversário “Boca-preta” que lançava uma candidatura que demonstrava a união do partido uma vez que não existiam dissidências. Nesse momento que a figura do candidato-cantor emerge definitivamente dentro do jogo político de Santa Cruz do Capibaribe. Utilizando de sua criação musical, José Augusto Maia passa a ser portador de uma arte que lhe garante visibilidade, status e que busca convencer o eleitor de uma versão dos fatos apelando à emoção e à simpatia.

Diante deste contexto político tão conturbado José Augusto escreve a canção popularmente conhecida como “Levante a mão” onde se percebem-se as estratégias do candidato-cantor para traduzir-se numa figura virtuosa, sofrida, batalhadora e que viveria em constante combate contra supostos “poderosos” que pensariam que “dinheiro compra tudo”. Na letra é possível perceber que o candidato-cantor se mostra como uma figura que, a partir de muitos sacrifícios, trouxe muitas benfeitorias para a cidade e que por isso sofreria pesados ataques daqueles que usam o poder econômico para enganar a população. O ataque presente na música, ainda que não cite diretamente nomes, servia para estigmatizar tanto seus antigos aliados, com os quais rompeu devido às suas ambições políticas, quanto os tradicionais adversários “Bocas-pretas”. Na relação com a candidatura de Edson Vieira, o estigma de desagregador é jogado no seu adversário, já que José Augusto toma para si o discurso de que “a união vence todo mal que vier”. A canção tem um andamento lento, suave.

Levante a mão, 1998 - Letra e Música: José Augusto Maia

Aqui cheguei para cumprir minha missão
 Ao meu povo sempre estendi as mãos
 Minhas idéias, meu trabalho e minhas lutas sempre foram ao bem dessa população
 Tantas viagens, tantas noites mal dormidas
 Na tentativa de encontrar uma solução
 Para os problemas mais difíceis que preocupam
 A maioria da nossa população
 Só não sabia que pra se fazer o bem
 Criaria tanta inveja em alguém
 Que ao invés do amor semeiam o ódio e ambição
 Pra enfrentá-los temos que nos dar as mãos
 Levante a mão com força e fé
 A união vence todo mau que vier
 A juventude sempre dei minha atenção
 Por mais escola, cultura e diversão
 Aos sem tetos lutei por mais moradia
 E pra saúde sempre estendi a mão
 Os que produzem dia e noite, noite e dia

Pra suas máquinas lutem por mais energia
 E a maioria que a cede castigava
 Eu trouxe a água tirando da agonia
 Tem uns que pensam que o dinheiro compra tudo
 Eu não me iludo sei que tenho grande valor
 Compra mansões, compram carros importados, grandes fazendas e até anel de doutor
 Mas tem uma coisa que o dinheiro não compra
 E a consciência daquele que já entendeu
 Que o melhor pra sua terra é acreditar naquele que trabalhou mais pelos filhos seus

O resultado das eleições de 1998 marca a volta de Augustinho Rufino de Melo ao cargo de deputado estadual, enquanto os candidatos Edson Vieira e José Augusto não se elegem, conforme tabela a seguir:

Tabela 1: Votação obtida em Santa Cruz do Capibaribe pelos candidatos santacruzenses a deputado estadual em 1998

Candidato	Votos	Partido	Resultado
José Augusto Maia	10.156	PSB	Suplente
Augustinho Rufino de Melo	9.456	PSDC	Eleito
Edson de Souza Vieira	1.952	PSDB	Suplente

Fonte: TRE-PE, 2012

A eleição de Augustinho Rufino de Melo foi garantida com um total de 19.054 votos, José Augusto Maia obtém 14.267 votos e Edson de Souza Vieira consegue 12.269 votos, números que, na ocasião, foram insuficientes para garantir a eleição ao cargo. O destaque das eleições, no entanto, é a vitória de José Augusto Maia no número de votos dentro do município sobre os outros dois candidatos representantes dos grupos políticos locais. Com uma votação muito abaixo da conseguida por seus dois concorrentes, Edson Vieira vê o grupo “Cabecinha” entrar em colapso político e perder muito de sua representatividade. José Augusto sai como líder e fundador de uma nova denominação política na cidade os “Taboquinhas” e credenciado a disputa das eleições para o executivo municipal, tanto pela grande votação, quanto pela imagem de herói que começa a se cristalizar nas suas músicas.

O Jornal Página Livre¹², em sua primeira edição, noticia com uma matéria com o título “Resultado das eleições muda quadro político em Santa Cruz” a nova conjuntura política da seguinte forma:

A vitória de José Augusto Maia acabou criando os TABOQUINHAS, um novo grupo político com velhos fanatismos, onde José Augusto dita as regras e comanda só. Zé vai ampliando seus eleitores e é favorito se as eleições para prefeito fossem hoje. Os resultados das eleições de outubro credenciam Zé a seguir seu caminho rumo à prefeitura (seu grande projeto). (...) Para onde irá o grupo dos “Vieiras” comandado pelo empresário Zinha Vieira e por seu filho Edson Vieira? (JORNAL PÁGINA LIVRE, 2000, p. 03)

Deste momento em diante começa a se desenhar uma nova dualidade política em Santa Cruz do Capibaribe: os tradicionais “Bocas-pretas”, detentores do poder político naquele momento, e os novos “Taboquinhas”, que ao aceitar os antigos vereadores “Cabecinhas” em seu grupo marcaram definitivamente ali como a nova oposição ao governo Ernando Silvestre.

No fim do século XX o grupo político Taboquinha se articula em torno de José Augusto Maia para concorrer às eleições municipais; os “Bocas-pretas” apresentam o então prefeito Ernando Silvestre como candidato à reeleição e surge uma “terceira via” liderada pelo político e empresário Fernando Aragão¹³. O embate das eleições se concentra de fato na disputa entre Ernando Silvestre e José Augusto Maia. Meses antes da eleição e do registro das candidaturas, a imprensa municipal já dava o embate como certo e noticiava a troca de acusações entre os dois líderes políticos locais. Se faz importante perceber o teor das acusações para que se possa entender os elementos presentes na disputa eleitoral.

O jornal Página Livre (o mais focado em temas políticos da cidade) em sua edição nº 12, de Janeiro de 2000, entrevista os dois políticos e questiona em sua capa: “Eles se enfrentarão? – Entrevista com os donos dos votos”. Nela José Augusto argumenta sobre a conjuntura municipal e sua candidatura à prefeitura, além de já ter que se defender de acusações de seus adversários, como a de supostas irregularidades de sua gestão na presidência na câmara de vereadores. Em sua fala, Ernando faz defesa de sua gestão e não faz ataques contra seu declarado adversário (Ver imagem a seguir).

¹² O jornal Página Livre fundado em 1998 por Marcondes Moreno e editado até 2007, com periodicidade alternando entre mensal, quinzenal e semanal. Seu fundador foi co-coordenador de campanha de José Augusto Maia na eleição de 2010, quando de sua candidatura à deputado federal.

¹³ Político e empresário santa-cruzens, eleito para quatro mandatos de vereador (1988-1992; 1993-1996; 2004-2008; 2008-atualidade).



Fonte: Mario Junior - Jornal Página Livre. Ed. 12 Capa

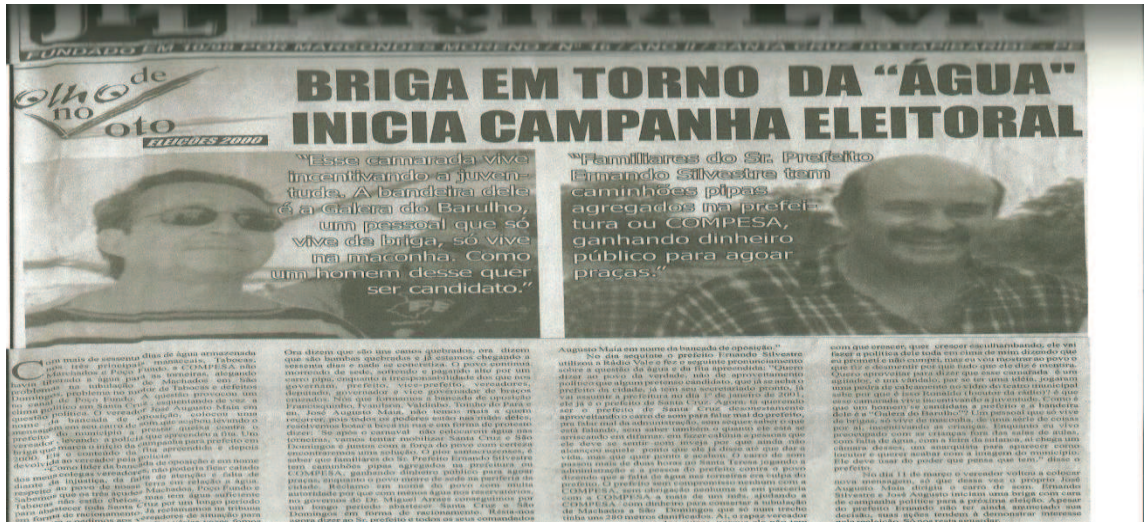
Em sua edição nº 15 (março de 2000), o jornal Página Livre estampa em sua capa uma das acusações que pesariam sobre José Augusto Maia nas eleições. A matéria é intitulada “Zé Augusto poderá devolver 16.435,63 UFIRs¹⁴ segundo o tribunal de contas”. Nesta mesma edição José Augusto se defende em um artigo intitulado “Isso é tempestade em copo d’água” onde diz que tudo se trataria apenas de um erro técnico do Tribunal de Contas de Pernambuco e, ao se defender, lança acusações contra seus adversários:

Aos que tentam me jogar contra a população por meio de insinuações maldosas, aconselho que, ao invés disso, se preparem para defender o prefeito Ernando Silvestre no escândalo do matadouro; no escândalo da compra por R\$ 18.000,00 de quatro pequenas traves de futebol para as quadras inacabadas do bairro Cruz Alta que, por sua vez custaram mais de cem mil reais aos cofres públicos, no escândalo do hospital municipal onde foram gastos mais de cem mil reais em uma pequena reforma (JORNAL PÁGINA LIVRE, p. 06).

O Jornal Página Livre volta a dar destaque aos contornos que desenhavam na política municipal na edição seguinte (abril de 2000). O prefeito Ernando Silvestre parte para o ataque e começa lançar sobre José Augusto a responsabilidade quanto a atos de delinquência juvenil em Santa Cruz do Capibaribe, acusando-o também de, por isso, ser moralmente desqualificado para o cargo: “Esse camarada vive incentivando a juventude. A bandeira dele é

¹⁴ UFIR: Unidade Fiscal de Referência. Fator de correção do valor de impostos e multas, extinto em outubro de 2000.

a ‘Galera do Barulho’, um pessoal que só vive de briga, só vive na maconha. Como um homem desses quer ser candidato?” (p. 01)



Fonte: Mario Junior - Jornal Página Livre. Ed. 13. Capa

Em 15 de abril de 2000, o prefeito usa os microfones da Rádio Vale do Capibaribe AM¹⁵ para atacar seu adversário:

Quero aproveitar para dizer que esse camarada é um agitador, um vândalo. Para se ter uma idéia jogaram uma pedra de calçamento no vidro do teatro municipal. Sabe por que é isso, Ronaldo [locutor da rádio Vale AM]? É que esse sujeito vive incentivando a juventude. [...] Enquanto eu vivo a preocupação com as crianças fora das salas de aula, com a falta de água, com a feira da sulanca, aí chega um camarada desse, um anarquista, para aparecer como locutor e querer acabar com a imagem do município (Rádio Vale do Capibaribe, dia 15 abril de 2000)

Esse embate público entre os dois políticos, visando a eleição de 2000, se baseava na tentativa de representar negativamente imagem pública um do outro, com sérias acusações de corrupção e incentivo à violência e ao vandalismo, além de uma defesa da própria imagem. Nesse contexto eleitoral, Ernando Silvestre era forçado a lidar com o estigma de corrupto e mau administrador e José Augusto com o estigma de também corrupto e mau administrador

¹⁵ Rádio fundada em 1985, propriedade de José Mendonça, Deputado Federal aliado político do grupo “boca-preta”

além de ser uma figura que contribuiria para a degradação moral da juventude e da imagem do município.

Uma vez iniciada a campanha eleitoral de 2000, a veia artística de José Augusto Maia se torna mais prolífica em suas composições e interpretações musicais. Era necessário naquele momento defender-se das acusações de seu adversário, mostrá-lo de forma depreciativa à população, criar vínculos afetivos com o eleitor pensando em fidelizá-lo, criando uma gama de representações positivas sobre si próprio. As canções pesquisadas aqui não têm título fixo, nem eram lançadas oficialmente ou registradas em nenhuma associação de direitos autorais.

Numa das primeiras canções que José Augusto lança na eleição de 2000, conhecida popularmente como “Vamos fazer”, ele tenta se mostrar como uma figura vítima de perseguição dos poderosos, traída por falsos amigos que se “venderam” ao poder do dinheiro e que busca se defender dos “falsos erros” atribuídos a ele. Está retratada na letra a inquietação do candidato em se mostrar como um “grande batalhador” que pede o testemunho do povo sobre isso. Também há uma defesa das acusações que José Augusto sofria no período eleitoral, alegando que “falsos erros jogam sobre mim tentando lhe enganar” e diz ao eleitor que “pago tanto sem dever” e que isso lhe causa choro e sofrimento. Tudo isso aliado a uma melodia lenta, uma voz que passa da serenidade usando de tons mais baixos e depois passando a um tom mais alto nos últimos versos.

Vamos fazer - Letra e Música: José Augusto Maia

Vem chegando outra batalha
 E eu vou ter que enfrentar
 A força dos poderosos
 Vem com tudo pra nos derrubar
 Vou precisar de você
 Você que me viu fazer
 Você que me viu lutar
 Por essas ruas
O que fiz de bom pro povo
Fazem tudo para ocultar
Falsos erros jogam sobre mim
Tentando lhe enganar
Pago tanto sem dever
Isso só me fez sofrer
Isso até me fez chorar
Gente que foi meu amigo
Hoje está como inimigo só por ódio e rancor
Gente que foi companheiro
Quando lhe deram dinheiro
Também me abandonou

Mas existe uma esperança
 Se com fé a gente alcança
 Novamente vou tentar
 Ganhar a rua de novo
 Sentir o cheiro do povo
 Juntar-me com aos que fazem a feira e levantar a bandeira
 A bandeira do progresso
 A bandeira do trabalho, do amor e da união
 Solte o seu grito que está preso na garganta
 Até mesmo uma criança sabe onde o erro estar
 Chegou a hora
 O medo já acabou
 Troque o ódio pelo amor
 Pelo amor de nossa terra
 E vamos fazer
 Vamos fazer uma corrente de união
 É só estender a mão e dizer amo minha terra
 Eu amo minha terra
 Ela está no coração
 Ela está no coração

O historiador Gilson Julião, ao analisar essa canção, argumenta que:

Elementos como o amor que se diz ter pela cidade, a aproximação com os que constroem a cidade e a sua relação de aproximação colocando-se lado a lado com o povo mostra a intenção, do que canta, em conquistar esse povo por meio da emoção. O fato do candidato “sentir o cheiro do povo” e “ganhar as ruas” são marcantes para torná-lo íntimo e próximo, ou seja, é algo que faz parte da cultura desse povo e isso facilita a relação entre candidato e eleitor (JULIÃO, 2011, p. 05)

A tentativa de aproximação com o eleitor é reiterada em outra canção composta e interpretada pelo candidato-cantor conhecida como “Eu sou do povo”. Na música um apelo ao divino como uma forma de legitimação da própria figura, ao dizer que “estando com Deus condena o Satanás”. A visão maniqueísta da política se alia ao dualismo Deus contra Diabo. Além disso, há um apelo à necessidade de mudança ao dizer “eu sou do povo e para mim nada mudou”, o que era de se esperar de um candidato de oposição. Junte-se aí a tentativa de fazer uma aproximação com o eleitor comum, descer da posição de político e dizer que é só mais um do povo e que seria capaz de sentir o que esse povo sente.

Eu sou do povo - Letra e Música: José Augusto Maia

A minha voz ainda não calou
 As minhas pernas inda estão comigo aonde vou
 Inda tenho os mesmos ideais
 Se estou com Deus
 Condeno o Satanás
 E eu ainda estou sozinho
 Ninguém vem tirar as pedras do meu caminho
 Ninguém vê que estou descalço e tem tanto espinho
 Eu faço parte da maior parte desse povo
 Os que mais sofrem e sempre esperam por algo novo
 Mudam de leis
 Mudam de opiniões
 Mudam projetos
 Mudam de posições
 Eu sou do povo e para mim nada mudou } bis
 Por que é que os que dão
 Nos fins das contas recebem mais
 E os que recebem no final pagam demais
 Derrubaram até o muro de Berlim
 Não sei pra quem foi bom
 Não sei pra quem foi ruim
 Só sei que sou do povo e para mim nada mudou
 O dia chegará
 O dia vai chegar
 Quando ele chegar
 A gente chega lá

Nas eleições de 2000 José Augusto sai vitorioso, tornando-se o primeiro prefeito “Taboquinha” de Santa Cruz do Capibaribe. O resultado das eleições se deu nos seguintes números:

Tabela 2: Resultado das eleições municipais de Santa Cruz do Capibaribe em 2000

Candidato	Votos	Partido	Resultado
José Augusto Maia	15.495	PSB	Eleito
Ernando Silvestre da Silva	14.296	PFL	Não-Eleito
José Fernando Arruda Aragão	444	PDT	Não-Eleito

Fonte: TRE-PE, 2012.

Um dos marcos da vitória de José Augusto Maio e da importância de sua imagem pública construída muito em função das músicas é a constatação de que a figura dele se mostrou até maior do que o próprio grupo político. Dos 13 vereadores eleitos na cidade, o partido “Taboquinha” perdeu na formação de sua bancada por 7 a 6, sendo o grupo minoritário na câmara municipal.

Dentro dessa disputa política podemos notar que, apesar de estarmos conscientes de que o êxito eleitoral de José Augusto Maia não se deu apenas devido às canções, elas foram de fundamental importância para sua vitória uma vez que foram capazes de dialogar com o momento e com as necessidades políticas do candidato, tornando-se uma forma eficiente de estabelecer a conquista e a fidelização do eleitor a partir do apelo a símbolos que tocariam as emoções das pessoas.

MUDANÇA DE TOM E O “MESMO” ZÉ

Após 2000, o panorama político na cidade começa a mudar. Com a eleição de José Augusto, o grupo “Taboquinha” se firma como força dominante na cidade no que diz respeito aos resultados eleitorais. Nas eleições gerais de 2002 o grupo “Taboquinha” lança Antônio Figueroa¹⁶ (conhecido como Toinho do Pará), o então vice-prefeito de José Augusto, como candidato do grupo a deputado estadual e os “Bocas-Pretas” lançam novamente o nome do experiente Augustinho Rufino para candidato. Aproveitando-se da flexibilidade das leis eleitorais, José Augusto abandona o PSB e se filia ao PMDB do governador Jarbas Vasconcelos, ao qual fez oposição quatro anos antes. Nesse contexto, o governador Jarbas tinha os dois grupos políticos como base de sustentação política em Santa Cruz do Capibaribe.

Nas eleições gerais o partido “Taboquinha”, e em especial o prefeito José Augusto, assume posições que exigem novas posturas. Aliar-se ao governador que tradicionalmente tinha o apoio dos seus adversários poderia modificar o jogo de poder, tirar o diferencial da campanha de deputado do grupo político liderado por José Augusto.

¹⁶ Vereador no período 1997-2000, vice prefeito no período 2001-2002, Deputado Estadual no período 2003-2006 e 2007-2008, prefeito de Santa Cruz do Capibaribe de 2008- atualidade

Na intenção de transformar sua posição de apoio ao governador não em uma contradição, mas em uma “grande jogada” o prefeito interpreta a canção que ficou conhecida como o “Eu sou o mesmo Zé”.

Dentro de uma realidade política onde o radicalismo que marca as disputas eleitorais em Santa Cruz do Capibaribe o prefeito é forçado a negociar com as novas demandas políticas escolhidas pelos donos do poder, José Augusto tenta se colocar ainda como o “mesmo Zé” que não mudou de lado por que seu lado seria o “da coragem e do trabalho, o lado que não tem medo”. O tom da música muda, o andamento é menos lento, e José Augusto se empenha na letra em divulgar as realizações de seu mandato e de seu grupo. Mesmo com o candidato não sendo o próprio José Augusto, ele assume a necessidade de explicar as posições tomadas pelo seu grupo.

Eu sou o mesmo Zé

Letra e Música: José Augusto Maia

Mais uma vez estou aqui junto ao meu povo
 Para mostrar o que já fiz e o que há de novo
 Se perguntarem com que eu agora estou
 Pode logo responder: tô com quem faz pelo povo
 E que meu lado ainda continua o mesmo
 Do progresso e do trabalho. Do lado que não tem medo
 Se perguntarem o que já fiz
 Diga que só andar pela cidade que lutei
 E eles vão ver...
 Escolas educando, ruas pavimentando
 Tantos canos espalhados pelo chão
 Que vai trazer a água, que faz nascer o verde
 Que tira a agonia daquele que tem sede
 Máquinas trabalhando, obras edificando
 Tantas crianças espalhadas pelo chão
 Tem quem lhe dê afeto, tem quem lhe dê a mão
 A cidade tá crescendo com o povo...
 E eu sou o mesmo Zé...
 O Zé da alegria
 Que luta por saúde e tecnologia
 Que luta pela feira e por mais energia.
 Eu sou o mesmo Zé (4x)

O resultado das eleições é marcante para os padrões locais. Toinho do Pará consegue uma vitória esmagadora sobre Augustinho Rufino e se elege deputado estadual enquanto o adversário “Boca-preta” não renova seu mandato e a partir de então não participa mais da vida pública como candidato a qualquer cargo eletivo. A diferença de votos, se levados em

consideração apenas o município, passa dos 4 mil, a maior já conseguida em uma eleição em Santa Cruz do Capibaribe entre os representantes dos dois grupos (ver Tabela 3).

Tabela 3: Votação obtida em Santa Cruz do Capibaribe pelos candidatos santacruzenses à deputado estadual em 2002

Candidato	Votos	Partido	Resultado
Antônio Figueroa (Toinho do Pará)	13.223	PSB	Eleito
Augustinho Rufino de Melo	9.156	PSDC	Não-Eleito

Fonte: TRE-PE, 2012

Diante do resultado da eleição, o jornal Página Livre, em sua edição de novembro de 2002, publica uma entrevista com José Augusto Maia comentando o resultado da eleição onde ele diz que foi a vitória das “idéias contra as críticas destrutivas”. Celebrando o poder político do candidato-cantor, o jornal ainda publica uma fotomontagem onde o rosto do prefeito sobreposto a uma gravura que se assemelha a Napoleão, representando José Augusto como “o rei do voto”, uma paródia com o general que no século XVIII se auto-proclamou imperador da França. O Jornal parece atribuir a José Augusto Maia o êxito eleitoral de Toinho do Pará, além de referendar a imagem dele como uma espécie de “soberano”, uma figura “superior”.



Fonte: Mario Junior - Jornal Página Livre. Ed. 64. Capa

EM 2004, UM NOVO PLEITO, NOVA MÚSICA

Na campanha para as eleições de 2004, os “Bocas-pretas” lançam a candidatura de Inácio Marques de Melo, o “Doutor” Nanau, que em 1999 foi eleito presidente da câmara de vereadores por unanimidade, incluindo o voto do atual prefeito e então vereador José Augusto Maia que agora o enfrentava na busca de sua reeleição.

O tom da campanha muda, José Augusto é acusado por seus adversários de enriquecimento ilícito e nepotismo além de não ter cumprido com o seu plano de governo divulgado quatro anos antes. Desta vez, ele escolhe contrabalancear os ataques, hora relatando obras e realizações de seu mandato como prefeito e em sua trajetória política, hora partindo para o ataque acusando o candidato Boca-Preta de inoperância em sua vida política.

A revista *Atual*¹⁷, em sua edição número 7, de setembro de 2004, entrevista os dois candidatos. Apenas um mês antes das eleições, que seria em 3 de outubro. As diferenças de discurso entre os dois candidatos se tornam visíveis. Nas páginas 6, 7 e 8 José Augusto Maia é entrevistado pela revista e se mantém entre a defesa de suas realizações, respostas as acusações que marcam a campanha eleitoral e na desqualificação da atuação pública do adversário:

Eu quero que vá nos cartórios de Pernambuco para ver se tem algum apartamento em meu nome. (...) Isso não existe. Não tenho nenhum apartamento. Então, podem vasculhar, e até se quiserem, eu abro minhas contas, não vão encontrar um Tostão na minha conta. Só vão encontrar o dinheiro do salário, que depois voa (REVISTA ATUAL, set 2004, p. 07.)

Acho que não prometi muito, prometi o que precisava e eu estou fazendo mais, porque as vezes você promete algo e não faz, mas faz coisas que não prometeu. (...) Mas eu desafio qualquer prefeito, respeitando só Raimundo Aragão, de lá pra cá, qualquer um tenha tanta obra (REVISTA ATUAL, set 2004, p. 07)

Queria que as pessoas fizessem um exame de consciência. Como vereador tenho inúmeras obras, um trabalho invejável, e veja que ele, também sendo vereador, o que não conheço nenhuma obra ou projeto importante dele (REVISTA ATUAL, set 2004, p. 08)

Na mesma revista, o seu principal adversário, Inácio Marques de Melo, apresenta um leque de acusações contra o então prefeito candidato a reeleição:

¹⁷ Revista editada entre 2004 e 2006 com periodicidade mensal. Fundada por Israel Carvalho jornalista e professor santa cruzense

Desminto que tenha sete Postos de Saúde da Família, os PSFs, em funcionamento. Fui averiguar, só existem 4 postos funcionando. Na saúde não houve avanço nenhum. (...) Na educação, desandou. Os professores em greve são prova disso. (...) Se esse governo não fez quase nada em 4 anos, mais 4 anos seria um desastre para Santa Cruz do Capibaribe (REVISTA ATUAL, set 2004, p. 12)

Diante deste debate acirrado José Augusto volta a usar suas canções e interpretações como forte arma de divulgação política. As músicas novas ganham altivez, se mostram mais vibrantes e deixam de lado o andamento lento que antes foram marcantes nas canções interpretadas por ele, em compensação passam a se assemelhar a hinos, de refrões ufanistas e momentos em que ritmo e melodia se fundem para criar uma atmosfera grandiosa na música.

A canção “Eu sou o Zé” mostra o candidato-cantor mantendo a tática do ataque ao adversário. Reafirma a acusação de inoperância do adversário em promover o bem estar da população e trazer realizações para a população (“Teve em suas mãos força e poder, Mas sua luta foi só pra se enriquecer”), além de dizer que pede uma segunda chance para fazer o que não teria sido possível no primeiro mandato, mas se adianta ao ataque adversário ao alegar que “o tempo não deu”.

Eu sou o Zé - Letra e Música: José Augusto Maia

Tem gente que vem agora aparecer
 Nunca fez nada e nem procurou fazer
 Não foi a luta, não fez história
 Ninguém conhece uma obra sua até agora
 Teve em suas mãos força e poder
 Mas sua luta foi só pra se enriquecer
 Mas vão tentar lhe iludir boatando por aí
 Que o que fiz nada valeu
 Não foi bom, não mereceu
 E que o suor que derramei foi em vão
 Nada ficou, só as mãos me calejou
 Que fiquei só, que nada sou
 Eu sou o Zé, o mesmo Zé
 que um dia disse aqui
 Que a água ia chegar, que o parque ia sair
 Que a feira ia mudar prum lugar melhor
 Pra sair do sol
 Pra atender melhor
 Eu sou o Zé, o mesmo Zé
 Que um dia disse aqui que a segurança ia chegar
 E que o povo ia sentir
 E a criança abandonada que um dia vi no chão
 Hoje tem quem dê a mão

Nesse lado de união
 Eu sou o Zé, o Zé do povo
 E vim aqui pedir de novo
 Mais uma oportunidade pra fazer nessa cidade
 O que não pude fazer
 Por que o tempo não deu, mas dará
 Se você acreditar
 Me dê a mão e se entregar de coração
 Nesse lado de união
 Eu quero é poder de novo
 Trabalhar mais pelo meu povo
 E se alguém precisar de mim
 Eu estarei até o fim
 Da longa estrada
 Junto com meus companheiros de caminhada

Nas eleições José Augusto Maia obtém mais uma vitória nas urnas, conseguindo mais quatro anos de mandato. Os resultados eleitorais dão vitória ao então prefeito com 18.101 votos, representando 52,37% do eleitorado, enquanto o adversário, Dr. Nanau, obteve 16.107 votos, contabilizando 46,63% da preferência dos eleitores.

A Revista Atual coloca José Augusto Maia na sua capa, como que concluindo que ele se firmou definitivamente como o líder maior da cidade. A foto do recém reeleito prefeito, em cima de um carro de som improvisado num plano superior aos seus eleitores parece mostrar como a figura de líder do povo se fixou em José Augusto após a vitória em 2004.



Fonte: Mario Junior - Revista Atual. Ed. 8. Capa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última parte trataremos como estas canções foram úteis ao político José Augusto Maia nas disputas eleitorais sob a ótica da Teatralização do Poder (Schartzenberg, 1977). As músicas estudadas aqui sempre mostraram um conjunto coerente de símbolos que travavam um diálogo com o contexto político do momento, neste caso, as eleições disputadas entre 1998 e 2004, nas quais José Augusto Maia participou como candidato ou como figura política de destaque.

Em depoimento a essa pesquisa, Ernesto Lázaro Maia, sobrinho de José Augusto Maia, atual vereador em Santa Cruz do Capibaribe e coordenador de suas campanhas eleitorais desde 1998, reconhece a importância das músicas compostas e interpretadas por José Augusto: *“É importante que um político mostre sua identidade, e a identidade de Zé Augusto sempre esteve nas suas músicas. Eu acredito... eu tenho relatos até de adversários que dizem ‘rapaz eu tenho raiva de Zé Augusto, mas, quando escuto uma música dele eu fico arrepiado’. Eu já escutei de vários adversários de Zé Augusto, mostrando então que ele tem o dom, o dom de artista dele, pra fazer com que ele faça essas composições e que seja até hoje o candidato vitorioso nas eleições”*.

Na fala de Ernesto Maia, percebe-se que ele considera que as músicas são de fundamental importância para a formação da identidade de um candidato, mais importante ainda foi para José Augusto. O sobrinho do político-cantor faz uma relação clara entre o sucesso eleitoral conseguido por seu tio com as canções compostas e interpretadas por ele. Na continuação de sua fala Ernesto Maia argumenta que: *“Aqui na nossa cidade as músicas atingiu (sic) muito sucesso. Mas, há uma grande quantidade de cidades, das quais posso citar Ribeirão, que fez campanha com as músicas de Zé adaptadas aos candidatos da região. Tem também Jataúba, Taquaritinga do Norte, muitas cidades... Itapissuma. Cidades que talvez tenham uma realidade muito diferente da nossa, mas a música é uma linguagem universal e que por incrível que pareça os candidatos que usaram as músicas de Zé Augusto foram os vitoriosos nas suas cidades.”*

A importância de reafirmar uma imagem pública é fundamental a uma figura política que precisa de apoio popular para se manter em evidência sempre postulando ou ocupando um cargo. Georges Balandier argumenta que é importante que em face as mudanças políticas,

das transformações rápidas que ela proporciona, é importante uma imagem pública que seja constantemente adaptada e reinventada:

O investimento mítico permanece sendo uma necessidade política, mas as transformações rápidas das situações nacionais e internacionais o torna cada vez mais difícil e incerto os seus resultados. A sucessão de mitos capazes de “sustentar” seus os governados, de provocar o seu consentimento ou convivência, se acelera (BALANDIER, 1984, p. 66)

A figura de José Augusto Maia conseguiu, através de suas músicas, acompanhar essa dinâmica na transformação da própria identidade, da maneira como se mostra perante às pessoas. A mudança é perceptível quando lembramos canções compostas entre 1998 e 2000, em que há um “lamento de um injustiçado” que sofre em supostas lutas inglórias contra os poderosos, que sofre traições e que alimenta a esperança de “um dia chegar lá”. Tomamos como exemplo as canções “Levante a Mão” e “Vamos fazer uma corrente de união”. Essa figura sofre sensíveis mudanças a partir do momento em que José Augusto assume o poder político. As canções a partir de 2002 ganham uma atmosfera mais orgulhosa, onde são divulgadas realizações e respostas às críticas de opositores, mas sem deixar de estabelecer um contato com a figura retratada em momentos anteriores. Uma marca disso são as canções “Eu sou o mesmo Zé” de 2002 e “Eu sou o Zé”, de 2004.

Não entendemos que essa visão colocada por José Augusto Maia seja realmente a que ele preserve no íntimo de sua pessoa, nem podemos, sequer pretendemos, afirmar o contrário. Mas no teatro político, onde, como lembra Schartzenberg, “um dia foram as idéias e hoje são os personagens”, essa questão é a menos importante. Nas palavras do próprio historiador alemão “o que importa apenas é fingir bem esses sentimentos, simulá-los com perfeição. (...) O ator pode identificar-se realmente com sua personagem, ou marcar uma certa distância em relação à mesma; ou ainda pode forçar a personagem a ajustar-se a se próprio” (1977, p. 144).

É justamente na intenção de promover um saudável desencanto com a política que escrevemos este trabalho. Para que a partir deste desencanto as dúvidas sejam suscitadas e as investigações aprofundadas para que se amplie o conhecimento sobre o poder e seu funcionamento. Afinal, como dizia Balandier: “É preciso encontrar novas terapias capazes de tirar os homens do efeito das fascinações e reensinar a eles a governar as imagens e a não suportar que elas sirvam a captura de sua liberdade.”.

ABSTRACT

The present article aims to study the figure of José Augusto Maia in Santa Cruz do Capibaribe, PE, through the time frame that includes the first application of its prominence in 1998, passing through all the claims election until 2004, where ends. The aforesaid period refers to candidate Jose Augusto Maia writing and performing songs written in 1st person intending to use them as electoral propaganda. Because it's involved in a plot related to politics, this work will be inserted into the bias of the New Political History. We take as the main source texts of the Journal Página Livre and Revista Atual, songs written by him of election periods, audio of radio programs. The choice of this object came from the need to examine how this figure, from his political life and which set of figures on himself in the songs, could create a particular way go see and be seen by the people. Thus, we use the concepts of Power-Plays, from Georges Balandier and Schwartzberg, as well as the idea of representing from Chartier.

Keywords: Jose Augusto Maia, Local Government, Dramatization of Power.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília, Editora Universitária de Brasília, 1982.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *In*: Estudos avançados, vol.5 n°. 11. São Paulo, Jan./Abr. 1991.

CITTADINO, Monique. Poder local, memória e cultura política: possibilidades de análise a partir da figura do governador João Agripino (Paraíba – 1966 – 1971). *In*: **Saeculum** – Revista de História, ano 13, n.16 (2007) João Pessoa: Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun.2007

JULIÃO, Gilson José. **Cultura política em torno da figura de Padre Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe-PE (1968-1986)**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em História, UEPB. 2010.

_____. **Ritmos no Tempo da Política em Santa Cruz do Capibaribe/PE nas eleições de 2000**. Artigo apresentado no II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura. 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. *In*: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na História: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009

PÁGINA LIVRE, Jornal. Edições n° 01, 12, 13, 64. Santa Cruz do Capibaribe. 1998-2002.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Autentica, 2008

RÉMOND, René (Org.). **Por Uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REVISTA ATUAL. Edições nº 07, 08. Santa Cruz do Capibaribe. 2004

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado Espetáculo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

TRE-PE. Diversas tabelas. Disponível em:

<<http://www.tre-pe.gov.br/publicanet/ServletMontarPagina.do?codObjetoPagina=9>> Acesso em: 19.jun 2012.

DEPOIMENTOS

01. MAIA, Ernesto Lázaro. Vereador e empresário 43 anos. Santa Cruz do Capibaribe, 15 de outubro de 2011.